

# PONTES INTERVALARES

Caminhos para a construção de afeto



Jenis Barcelar



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

INSTITUTO DE ARTES - CAMPUS DE SÃO PAULO - SP

**PONTES INTERVALARES**  
CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE AFETO

Jennifer Barcelar Gomes  
Jenis Barcelar

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em  
Artes Visuais

SÃO PAULO - SP

2022



Jennifer Barcelar Gomes / Jenis Barcelar

**Pontes Intervalares:**

Caminhos para a construção de afeto

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes São Paulo, da Universidade Estadual Paulista, para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Mestra Kátia Fernanda Fiera.

SÃO PAULO - SP

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de  
Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp.  
Dados fornecidos pelo autor.

B242p Barcelar, Jenis (Jennifer Barcelar Gomes), 1999-  
Pontes intervalares : caminhos para a construção  
de afeto / Jennifer Barcelar Gomes. - São Paulo,  
2022.  
64 p. : il. color.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Katia Fernanda Fiera  
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em  
Artes Visuais) - Universidade Estadual Paulista  
"Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes

1. Livros de artistas. 2. Fotografia artística.  
3. Afetividade. 4. Memória autobiográfica. I.  
Fiera, Katia Fernanda. II. Universidade Estadual  
Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 709.05

Bibliotecária responsável: Laura M. de  
Andrade - CRB/8 8666

Jennifer Barcelar Gomes / Jenis Barcelar

**Pontes Intervalares:**

Caminhos para a construção de afeto

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto de  
Artes São Paulo, da  
Universidade Estadual Paulista,  
para obtenção do título de  
Bacharel em Artes Visuais, sob  
orientação da Prof<sup>a</sup> Mestre  
Kátia Fernanda Fiera.





## Resumo

Este trabalho apresenta um estudo acerca dos intervalos entre algo e outro, que existem na percepção do espectador, a partir de uma observação intimista e familiar. Trazendo, assim, a questão: Como conectar pessoas ou momentos para resolver a distância que existe entre elas?

Pela construção de pontes conectivas, apresento uma investigação dos conceitos de intervalo subjetivo e perceptivo, performatividade fotográfica, fotobiografia fabular, relacionamentos e desdobramento de pessoas em lugares e tempos.

Partindo dos campos memoriais e imagéticos para criar - nas infinitas possibilidades do texto e da imagem - encontros.

**Palavras chaves:** Intervalo; Encontro; Fotografia; Memória; Imagético; Texto; Livro de artista;

## **Abstract**

This academic paper presents a study around the intervals between something and other thing, that exists in the perception of the spectator, stem from a familiar and intimate observation. Therefore, bringing the question: How to connect people or moments to resolve the distance that lives between them?

Through construction of connective bridges, I present an investigation on the concepts of perceptive and subjective interval, photographic performativity, fabular photobiography, relationships and development of people in places and times.

Stemming from image and memorials realms to create - in the infinites possibilities of the text and image - encounters.

**Key-Words:** Interval; Encounter; Photography; Memory; Text; Artist's book;



Agradeço a todos os intervalos desconhecidos  
que, todos os dias,  
me instigam a percorrê-los.



## Sumário

1. Introdução	14
2. Vínculo pela distância	18
3. Dois pontos em um	24
4. Torça	28
5. Fotobiografia fabular	42
6. Nós	48
7. Conclusão	58
Referências Bibliográficas	60



## Saudade

"É um vocábulo de difícil definição incorporado ao espanhol, empregado em português e em galego, que expressa um sentimento afetivo primário, próximo à melancolia, estimulado pela distância temporal ou espacial de algo amado e que implica o desejo de resolver essa distância."

Entre espaços. Corredor, IA - UNESP

Talvez a mudança seja  
clarificada pelo apreço  
da simplicidade



## 1. Introdução

Como conectar pessoas ou momentos para resolver a distância que existe entre elas? Decidi construir uma ponte.

O vazio, o intervalo entre algo e outro, existe na percepção do espectador. Desde o notar dessa existência onipresente no espaço, tudo aquilo que serve como mediador nesse intervalo tem potencial de aproximar, dobrar, afetar direta e indiretamente dois pontos.

A vontade, senão necessidade, de relacionamento que permeia tudo, se faz presente desde as partículas mais ínfimas do mundo físico, até o avassalador e infinito campo memorial e imagético. Tudo sente o intervalo e procura traçar linhas que permitam a diminuição deles.

Aquilo que agrega pode se apresentar de diversas formas a fim construir afeto. Cartas, fotografias, memórias resgatadas, impressões, caminhos a percorrer, e tudo mais pode se colocar nesse espaço e ser a ponte existente por conta da saudade.

Falar sobre o que vem no meio, é encarar que

tudo é composto por diversas partes e aspectos que se relacionam entre si. Não é possível apresentar um objeto que seja sem considerar separadamente tudo que o compõe.

"Visível e móvel, meu corpo conta-se entre as coisas, é uma delas, está preso no tecido do mundo, e sua coesão é de uma coisa."

(MERLEAU-PONTY 2004a, p.17)

Assim, podemos perceber que cada aspecto é inteiro por si só, mas que toda imagem se apresenta como uma soma de suas partes, das quais acharam uma forma de diminuir os meios vazios entre si e se relacionar.

Dessa forma, apresento uma investigação dos conceitos de intervalo subjetivo perceptivo, performatividade fotográfica, fotobiografia fabular, relacionamentos e desdobramento de pessoas em lugares e tempos. Partindo dos campos memoriais e imagéticos para criar, nas infinitas possibilidades do texto e da imagem, encontros.





Permanece  
ainda em mente  
ainda em foto  
ainda em simbiose

## 2. Vínculo pela distância

O mais importante é entrar em contato.

Ao pegar tudo o que incomoda e expor da maneira mais aberta possível, conseguimos diminuir intervalos.

O tempo, a memória e o fio relacional que une tudo e todos, se dobram para criar um novo mundo fantástico, na minha abordagem poética. Mundo esse, que se caracteriza como uma espécie de ficção, gerada a partir dos detalhes visíveis e da subjetividade virtual existente por detrás de toda imagem e texto.

É com este enlace que acontece o encurtamento das distâncias, o preenchimento de vazios que existem entre um 'algo' e Outro. É justamente pela **saudade** que tudo se desenvolve. Ela é a vontade de juntar.

Saudade de quê? Saudade do agora que está constantemente se tornando passado. Saudade das relações ainda não formadas, saudade de saudar.

Na percepção subjetiva e imaginária, se ultrapassa os limites materiais do que é considerado um intervalo entre dois objetos, se arranjando não só como uma distância que existe nos "entres", mas também como um causador de tensão. Promove um lugar vazio, mas ao mesmo tem-

po cheio do não palpável.

O intervalo é visto comumente como uma lacuna entre dois pontos, um lugar praticamente inexistente de significação que segura situações, objetos ou pessoas; ou até mesmo um lapso de tempo. É de se esperar uma interpretação de vazio somente, e muitas vezes passada despercebida em meio aos pontos de sustentação que seriam o assunto principal de um conceito.

Porém, pensando no vazio, no intervalo, na brecha, como um terceiro elemento essencial e subjetivo para criar tensão, é viável usá-lo para moldar relações antes nunca possíveis. Pois, o meio se torna caminho para o encontro. Essas relações formadas ultrapassam os limites físicos, temporais e lineares dos quais nos acostumamos a perceber o mundo.

Foi então que percebi que podia usar da afetividade para diminuir distâncias, diminuir as saudades. E assim, me perceber através da relação com o outro e perceber o outro através de mim. Partindo de memórias, as imagens do que já foi se arranjam com o que é hoje, e assim, um novo entendimento do mundo é alcançado. O imagético serve continuamente como um espaço de realizações e uniões.

Falar de saudade é falar da ânsia em diminuir distâncias. No nosso vocabulário, o significado de saudade pode se tornar facilmente melancólico e romântico, e com razão. Porém, abraço também todas as perspectivas dessa vontade de juntar o que está longe.

Mais facilmente do que se possa imaginar, podemos criar conexões, contato. Com uma fotografia, um bilhete ou simplesmente com o imaginário, surge uma ponte entre nós e o que quer que seja, pulsando infinitamente um instante inventado. No mundo contemporâneo, fotografar se tornou um ato cotidiano, mais um meio de reproduzir e captar o "real".

Mas olhamos, geralmente, para o sujeito fotografado, não a fotografia em si. Vendo-a então, de novo e de novo, dobrando o tempo do presente e passado, criando um instante repetido para sempre. Assim, o intervalo entre o que **foi**, **é** e **virá a ser** é estreitado, criando um novo lugar presente. Os 'entres' que existem em tudo mudam quando esse intervalo se dobra gerando conexão, e se retirando do lugar de vazio.

O que conecta é o afeto, a pura vontade de juntar. Para um encontro de duas pessoas, talvez uma passagem de trem seja a resposta. À um bilhe-

te pedido, basta a caneta e o papel, e a sagacidade para se entregar.

Quais são os meios que nos juntam à quem nunca nos viu mas que, num mundo criado, o encontro de uma vez estranhos agora os fazem conhecidos?

"O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorre uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente"

Roland Barthes, 1980

Com o vínculo, estreitamos um intervalo que existe entre nós, como pessoas agentes no tempo e espaço. Ele existe pelas distâncias físicas, medos, vontades, mudanças... se faz presente por escolha ou acaso. Mas pela vontade de resolver essa lonjura, sentimos saudade e a superamos criando elos que diminuem a separação dos pontos dos quais queremos trazer para perto.

Através da poética textual e fotográfica, é encontrado um novo lugar para pousar as memórias e fábulas concebidas, salientando a ligação de Um com Outro, de nós com o mundo. Nós incumbimos a todas as pontes existentes, a latente possibilidade de aproximar, de sermos nós.



### 3. Dois pontos em um

Coloco a câmera apoiada em uma mesa, ou tripé ou numa torre de livros quaisquer; ajusto o obturador, foco e abertura para enxergar. Mas saio de trás dos olhos mecânicos e me ponho em direção à lente. Quem é o fotógrafo agora?

Ao deixar esse espaço vazio entre os olhos mecânicos e os meus, me coloco como sujeito a ser fotografado. Sou responsável pela ação que vai se desenvolver e também a pessoa que fotografa. Saio do lugar de espectador de uma cena para se tornar autor e observador de uma ação simultaneamente.

Tangendo o ato performático, a pose e a espontaneidade confundem quem vê a cena se desenrolar por entre as fotografias. É concebível encarar o evento mostrado em uma imagem de diversos ângulos, tanto com a certeza de que a ação captada é verdadeiramente espontânea - um instante decisivo (Cartier-Bresson, 1952) - quanto marcada por uma pose pensada e montada pelo sujeito. Seja como for, um novo momento no mundo é captado com a ajuda da luz. Entregamos a experiência de ser no mundo à fotografia no escuro da existência, conseqüentemente trazendo luz para a vida.

Quando dois pontos, o fotógrafo e sujeito, se juntam em um só, é retirado do espaço o olhar de espectador do fotógrafo. Temos aqui a possibilidade, então, de ver através de dentro, de retratar o interior na marcação de um frame. Quem registra é também quem age. Poeticamente, é guardado em nós, e por nós, um abrigo de memória e percepção do mundo interior e exterior.

Este movimento provoca a conexão compartilhada também com quem vê a fotografia, encontrando nela a essência do olhar e a perspectiva de comunicação. Pois, a partir da construção criada pelo sujeito que fotografa e é fotografado, cria-se um convite para que os novos olhares desse momento o vejam como um reflexo de si. Nos vemos em mesmo peso, espaço e ação.

O intervalo entre passado e presente pela causalidade física gera, nesse momento, a vontade de juntar-se para conectar. Estreita-se assim, a relação entre a fotografia e a representação do que é visto pelo olhar de quem a observa.





## 4. Torça

Vagueava em minha mente a relação corpo-casa, em como gravar esse espaço que se faz completo como um só. Nesse frenesi, tirei da prateleira a câmera, a posicionei num lugar qualquer e me sujeitei à sua grafia.

Partindo da vontade pura de registrar, me coloquei como fotógrafa e sujeito que é fotografado, para então entregar a esse momento a casualidade o registro. Durante essa simples ação, fotografar se apresentou como um apaziguante. Dentro do universo imagético, uma maneira de aprofundar emoções, surpreender expectativas e se relacionar através do reconhecimento e memória, seja ela de um momento real ou inventado.

Junto ao momento fotográfico, um livro emprestado, esperava, ainda em minha mesa de cabeceira, ser aberto. Foi um afago para tudo que borbulhava e ansiava se fazer presente. Ao abrir e ler suas páginas, me deparei com outro tipo de aproximação, sentindo um novo caminho para estreitar as distâncias.

A clareza de que uma ponte pode ser construída através do reconhecimento de si nas palavras

e imagens do outro nesse momento, foi através do livro *Felicidades* (1999), do artista visual Fabio Morais. A partir de sua leitura e do ensaio fotográfico, desenvolveu-se a obra *Torça*.



Capa de *Torça*, 2022

Este trabalho se integra como um livro de artista fotográfico e poético, pensado a partir da proposição "corpo-casa", tangida por mim durante o momento de produção.

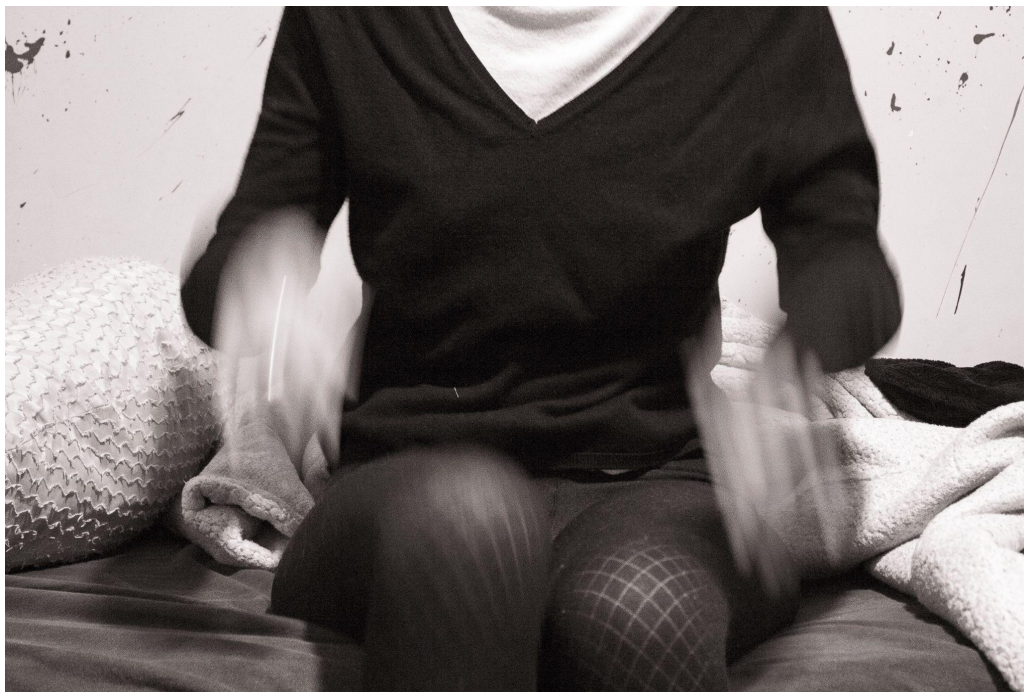
Foi a partir deste trabalho que entendi como as ações do corpo e da mente constroem nosso espaço, assim como as relações que existem nele. Dentro do seu universo construído por imagens, abandona-se o real e palpável. O Eu lírico das cartas e fotografias pode se expressar de maneira livre dentre as possibilidades de relação com outras pessoas e momentos.

*Torça* abarca a metalinguagem em todos os seus aspectos visuais e poéticos, para mostrar um efeito cíclico e repetitivo que o vínculo com o outro pede ao se estabelecer. Tanto no movimento performático das fotos, quanto no percurso que o olhar leva ao lê-lo.

Portanto, *Torça* pode se dividir em duas partes concomitantes e intrínsecas: uma relação fotografada e outra escrita. Juntas, produzem uma diminuição do intervalo inato entre quem nunca se fez conhecido, num espaço que só é permitido pela fabulação.

Comigo sendo sujeito da ação registrada, é sugerido impetuosidade e furor nos movimentos corporais em frenesi, dos quais se dão sem contexto explícito para acontecer. É mostrado aqui, um momento de grande intimidade e universa-

lidade que serve de apoio para a escrita das cartas. Esses escritos percorrem o livro adentrando nas cenas registradas através das páginas semitransparentes.



Fotografias de *Torça*, 2022

*Torça* pede por torção do tempo, do espaço, das memórias e da própria subjetividade e resoluções imagéticas de quem lê, vê e se apresenta como mais um personagem na rede de conexões iniciadas. Também pede pela calma, pela paz, que a criação de pontes para encontrar - ou reencontrar - estabelece.

Com suas páginas de cartas impressas em papel vegetal, *Torça* convida o leitor a se espreitar pela transparência e enxergar o que está à uma página de distância e fazer perceber as ações que envolvem as palavras.

Os olhos que acompanham o livro se movem com o texto que muda de posição, se torcendo e embolando assim como o personagem das fotografias. O livro, dessa forma, permite que todos façam parte dele dinamicamente.

Para a escrita das cartas, usei como base a obra *Felicidades* do qual trabalha com sutileza o campo da ficção e cria uma nova possibilidade de contato.

Barnet, 25 de maio de 2022

Querido Fabio,

Eu nunca comorei Natal na minha vida. Nunca tive ceia, presentes de família, bebida à meia noite e seja lá o que mais as pessoas façam nesse momento. Dentro da minha casa isso nunca existiu, e nunca senti falta. Mas entendo bem sua sensação de ficar desprotegido, escabado, ao tentar se ver preso e por inteiro em meio a tanta gente que também relete sobre si. Mas é provável que estejam pensando só em si para que depois consigam abrir o coração para o mundo.

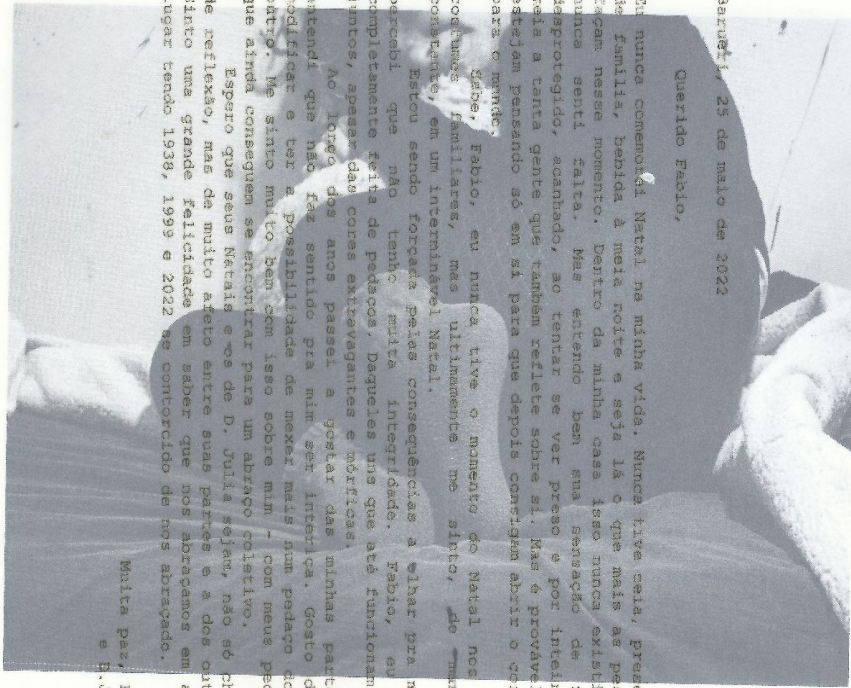
Sabe, Fabio, eu nunca tive o momento do Natal nos meus costumes familiares, mas ultimamente me sinto, de maneira consciente, em um interminável Natal.

Estou sendo forçada pelas consequências a olhar pra mim e perceberi que não tenho muita integridade. Fabio, eu sou completamente feita de pedacos. Daqueles uns que até funcionam bem juntos, apesar das cores extravagantes e mórficas.

Ao longo dos anos passei a gostar das minhas partes e entendi que não faz sentido pra mim ser inteira. Gosto de me nodificar e ter a possibilidade de mexer mais num pedaco do que outro. Me sinto muito bem com isso sobre mim - com meus pedacos que ainda conseguem se encaixar para um abraço coletivo.

Espero que seus Natais e os de D. Julia sejam, não só cheios de reflexão, mas de muito afeto entre suas partes e a dos outros. Sinto uma grande felicidade em saber que nos abraçamos em algum lugar tendo 1938, 1999 e 2022 se conforçado de nos abraçado.

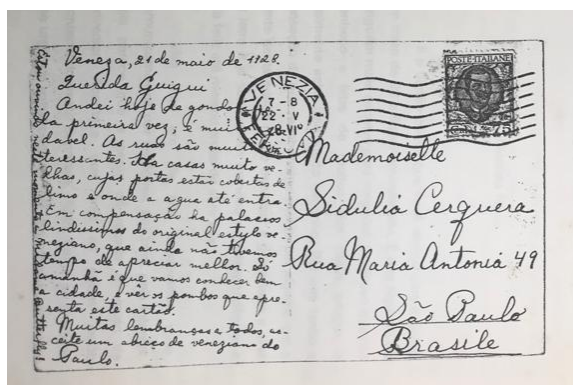
Muito paz, Fabio e D. Julia



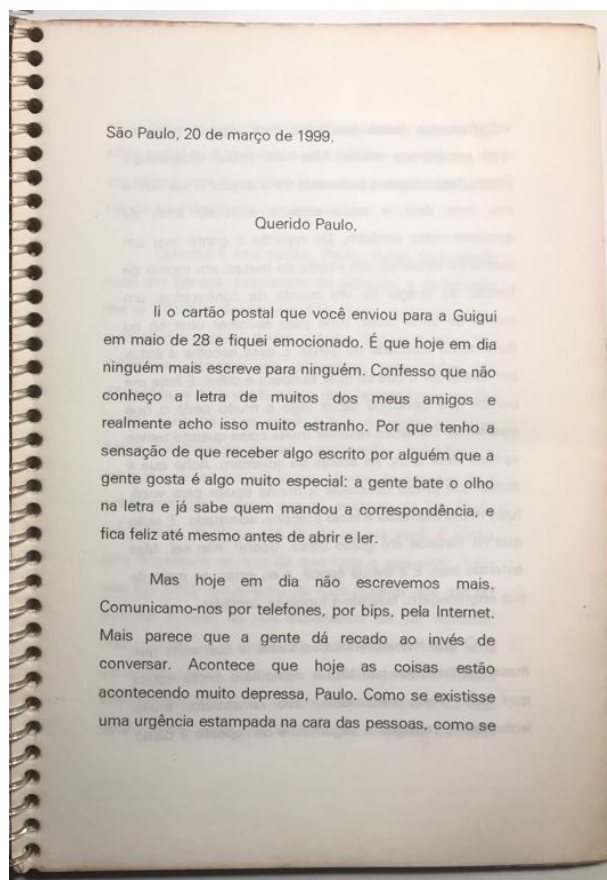


A partir de uma coleção de cartões postais escritos por pessoas desconhecidas, o escritor da obra se dedicou a redigir cartas a cada um dos postais. Assim, formou-se uma ponte intervalar entre ele e os remetentes sem rostos, unindo pessoas e histórias que uma vez eram separadas pelo espaço-tempo, mas que na criação dessa fábula juntou-se o anônimo no campo da imaginação.

Cartão postal de Paulo, resgatado por Fabio Morais e sua carta em resposta:



*Felicidades*, 1999



estivéssemos todos atrasados para alguma coisa da qual precisamos muito. Mas não estou reclamando. Gosto dessa correria toda atrás de qualquer coisa. Afinal sou fruto dela, e estou sempre correndo atrás de qualquer coisa também. De repente a gente tem um monte de objetivos, um monte de metas, um monte de formas de chegar lá, um monte de conhecidos, um monte de tanta coisa, tudo para escolher uma só ou duas como vitalidade da gente. E essa escolha é árdua por que saber o que se quer também é difícil. E hoje me parece que devemos saber logo e muito cedo o que queremos. Devemos resolver muita coisa quando temos apenas vinte anos. As coisas se adiantam. Acho que é assim que posso descrever a minha época para você: tudo muito depressa e meio precoce, adiantado. E acho que na verdade até gosto disso. Gostar, não sei. Mas entendo isso. É a minha época, e eu estou no meio de sua engrenagem, fazendo-a funcionar também.

O que me incomoda às vezes é que acho que meus sentimentos não têm a velocidade dessa época que vivo. Meus sentimentos são construídos muito lentamente, segundo a segundo, e de repente é como

se as pessoas em um minuto já quisessem saber o que sinto por elas. E realmente não sei. Por que preciso de um tempo para construir o que sinto e depois um outro tempo para decifrar o que construí.

Quando li seu cartão, Paulo, fiquei imaginando você em Veneza, passeando de gôndola, e de repente me vi décadas depois em São Paulo, andando nesse mecanismo caótico dessa cidade. São ambientes tão diferentes, tempos tão diferentes, velocidades tão diferentes, e eu e você, como dois homens, somos tão iguais. Tentando nos achar e nos entender no meio desse turbilhão de carnes, sentimentos, memórias e desejos que nos faz indivíduos. Mantendo relações com outras pessoas, mesmo que na distância de São Paulo até Veneza, de aqui até ali, de eu até você. E tenho uma impressão poética de que tudo o que sinto, tudo que sei, cada mecanismo de mim mesmo que me faz humano é fruto da sua experiência de ser humano. Paulo, como se a dimensão da intimidade fosse uma dimensão a parte, atemporal, na qual hoje tenho acesso simultaneamente e no mesmo momento que você está tendo acesso agora, em 1928. Como se alguns de meus

medos viessem de coisas que você sofreu. Como se esses amores estranhos que sinto, Paulo, fossem sobras de amores seus que ficaram no tempo. Nos tocamos fora do tempo, independentemente do espaço. Tocamo-nos nesse mundo absolutamente pouco explorado que é o interior humano.

É claro que nós nos conhecemos, Paulo. Os sentimentos que estavam em você em 1928 são os mesmos que estão em mim agora, e que estarão em alguém em 2054. Nossos corações têm a mesma anatomia. Somos homens Paulo. Sabemos um do outro. Conheci sua letra. Soube um pouquinho da sua vida. Com certeza, no dia em que o tempo der uma brecha e nos permitir um encontro, saberemos muito um do outro, Paulo. Seremos íntimos. Por que hoje estou num processo desesperado de tentar saber quem sou, o que me forma, por que resultei nisso que sou. E a cada resposta que acredito ter, me conheço mais, fico mais a par de mim mesmo. E a cada centímetro a mais que me conheço, Paulo, passo a conhecer você, por que antes de tudo, somos apenas homens.

Quem sabe dia desses Paulo, consigamos arrastar esses nossos presentes tão distantes no tempo para nos abraçarmos? Quem sabe um dia Paulo, eu possa encontrar maio de 1928 numa esquina dessas?

Quem sabe um dia eu também vá a Veneza, e veja as portas cobertas de limo e os palacetes lindíssimos do original estilo veneziano, e possa ter à frente dos meus olhos algo que você já viu? E possa então lhe escrever sobre essa experiência?

Vá Paulo, vá tentando ser feliz daí de 1928 que eu vou tentando daqui.

Tudo de bom,

E felicidades, Paulo.

A mim também.

Ao ler tais cartas, tomei para perto a conexão estabelecida entre os personagens que se fizeram presentes pra mim, apaziguando dores e estabelecendo calma. Tive a chance de não estar só ao criar vínculos lendo e escrevendo a um novo conhecido. Sendo assim, foi criada uma segunda rede de contato com esses personagens.

Com este suporte, selecionei algumas dessas cartas e, numa tentativa de dobrar o tempo já manipulado por ele, às respondi. Me direcionando também às pessoas que ele se conectou anteriormente em seus escritos criando uma grande rede de contatos que só existe no âmbito imaginário e subjetivo.

Resgato de *Felicidades* a vontade de tornar possível o contato não considerado anteriormente. Com uma simples imagem, seja em texto ou em tinta, os intervalos são diminuídos.

Escrevo então, pensando em todos os personagens imaginários dos quais me correspondo através do invisível. Tudo pela saudade. Pelo desejo de resolver as distâncias.

Carta do livro *Torça*, em resposta à correspondência de Fabio com Paulo:

"Barueri, 22 de maio de 2022

Querido Fabio,

Você me motivou a diminuir distâncias e escrever, numa tentativa de me compreender novamente. Uma grande amiga me disse que "nos entendemos através da relação com o outro", então aqui estou... Li o cartão que Paulo escreveu para Guigui e também fiquei contente ao ver a intimidade gerada pelas palavras. E é engraçado pensar que hoje, aqui na época dos meus sentimentos, estou com medo de pronunciá-las, com medo de causar mais mal do que bem ao falar.

Fabio, você andava aí em São Paulo em 1999, Paulo andava lá em Veneza em 1928 e eu aqui em Barueri vou caminhando com os mesmos sentimentos. Vou andando com a mesma vontade de mostrar a alguém importante o meu caminho e minhas descobertas. Tentando me entender, assim

como você, Fabio, através do outro. Pude, então, juntar nós três num pedaço de papel, numa dobra do tempo que vem de longe e se coloca no mesmo espaço.

Fabio, acho que você acertou ao dizer ao Paulo que os amores deles foram também os seus, pois isso está acontecendo comigo. Me sinto profundamente intrinsecada aos seus sentimentos e, na escrita de todos vocês, novos amigos, me vejo pertencer.

Há no meu peito um aperto muito grande, uma vontade minhas descobertas. Tentando me ende enorme de estreitar. Só conheço esse sentimento na palavra 'saudade'. É saudade que sinto, Fabio. Saudade dos meus amores, das minhas paixões e interesses. Uma saudade tão pesada que já sinto até daquilo que nem vivi ainda - disso tudo já sinto distância. No meu tempo, em 2022, ainda temos que resolver muita coisa com apenas vinte anos. Me pergunto como irei fazer isso quando tudo que penso é na minha forte saudade que vocês já sentiram no meu lugar há tantos anos.

Fabio, espero que eu esteja conseguindo diminuir meus intervalos, pois está doendo

demais a distância. Por favor, torça daí de 1999 - e peço que você também Paulo, em 1928 - para que minhas palavras, de agora em diante, sejam mais atenuadoras do que causas de dor.

Tudo que quero é que a felicidade, que você tanto deseja, chegue a mim e aos amores que cultivo também.

Muita paz, Fabio  
e Paulo"



## 5. Fotobiografia fabular

Como apresentar a vida de alguém em recortes? Desde a seleção de imagens, textos e lugares já existentes, até a montagem de um outro espaço - para a princípio apresentar a ideia de quem foi ou ainda é - a linearidade de elementos verídicos e históricos já foi rompida. É dado novos significados e percepções múltiplas no momento que a história, a partir das fotografias, se cruza com o presente e cria novos futuros. Assim, se faz um encontro do imaginário e da realidade.

Foto-biografar implica no ato de retratar um perfil através de imagens. Imagens estas que carregam memórias e acontecimentos de que, relativo ao contexto que é apresentado, pode se criar uma fábula, completamente reinterpretada e revista em novas perspectivas.

Isso pode ser realizável através da seleção de arquivos pessoais e transposições de cenas, geralmente encontradas em arquivos pessoais, chamadas 'fotografia vernacular'. Implica-se nesse contexto, portanto, a escolha de quem remontará a personalidade e acontecimentos em questão. Em apurar aquilo trazido para dentro da

fotobiografia e o que é deixado na gaveta.

O trabalho de seleção implica no remonte do tempo e na criação de conexões outras, que ao criar uma nova sequência de fotografias num tipo de álbum montado, as imagens pré-existentes são apropriadas por quem as seleciona. E, além disso, sofrem uma ruptura na veracidade de fatos históricos para ganhar um aspecto fabular que se relaciona com as novas imagens e contextos.

Porém, contar uma história a partir de uma perspectiva de fora daqueles acontecimentos é desafiador e envolve a dúvida, a incerteza dos fatos. Além de uma preocupação constante com a narrativa montada, que sempre será apenas uma pincelada da forma daquele sujeito.

Conseguimos sentir novas narrativas e emoções pois as imagens são vivas por si só. Elas ultrapassam as questões de verossimilhança, de pertencimento a tempos e espaços específicos. Eucanaã Ferraz traz em *Inconfissões: fotobiografia de Ana Cristina Cesar*, que "[...]A fotobiografia - como a morfologia da palavra sugere - guarda uma dimensão narrativa. Mas se é a constituição de um perfil, este é sempre parcial, já que sua composição implica escolhas e, com elas, vazios [...]" (Eucanaã Ferraz, 2019)

A partir de novas experimentações e buscas da criação em sentidos subjetivos, a imagem é vista por um olhar de ficcionalidade. Mesmo carregando um ponto memorial de semelhança com o passado, os olhos de quem a enxergam estão sempre postos por detrás de uma cortina de idiossincrasias, memórias, vontades e perspectivas únicas.

Tudo que carregamos ao ver uma imagem, junto ao que ela transmite por si só e a maneira como se é apresentada, faz com que seja criado um novo campo subjetivo imagético que quebra as barreiras da realidade.

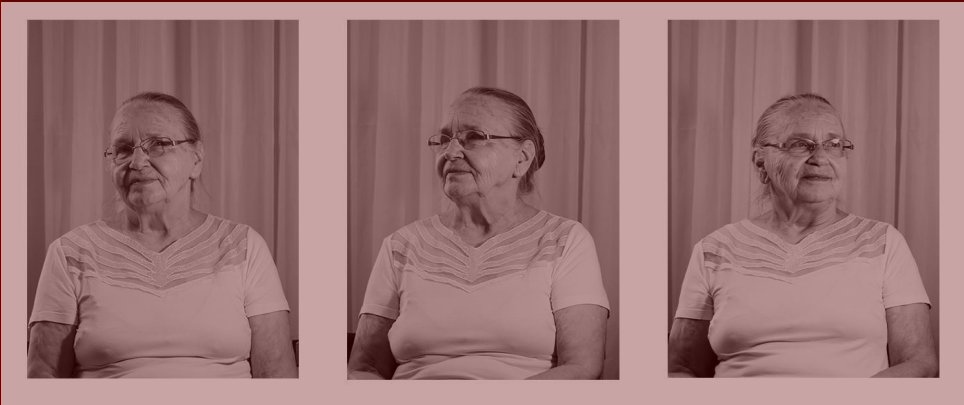
Por outro lado, é aberta novas possibilidades de conhecer alguém e a si mesmo, já que nos entendemos como indivíduos únicos e concomitantemente parte de uma sociedade, através das histórias, culturas e, de mais importante, o contato.

"O vínculo, portanto, potencializa o não classificável, a incerteza, a obscuridade das histórias. O indivíduo anônimo prioriza a flexibilidade de construirmos, interpretarmos e de, substancialmente, delegarmos nossas histórias. O tempo que aqui se contorce também no anonimato provém de alguns vieses que implicam o pré, durante e pós ato fotográfico. Não se trata de negar, rechaçar o tempo histórico, diacrônico e social, de não adotá-lo, e sim, de penetrá-lo pelo imaginário que a fotografia magicamente cria."

Georgia Quintas, 2016

Não se trata apenas de procurar maneiras de contar um acontecimento, mas sim pela vontade de se reconhecer no outro e ter a perspectiva de inventar. Inventar pessoas, memórias, lugares e situações que, por conta da construção imagética, a sua realização se torna possível.

Passamos, então, a atravessar o campo memorial e pessoal guiado pela vontade de aproximação. Dessa forma, sustentando o vínculo que a construção de afeto permitiu criar.



## 6. Nós

Tento estreitar um intervalo de mim mesma, criado pelo medo de se perder. Portanto, vi a necessidade do resgate afetivo que a imagem carrega, como meio possível a se criar uma conexão do consciente com o subjetivo.

Tomando como ponto de partida as relações familiares existentes entre mim, minha mãe e avó, gavetas, caixas e memórias são abertas. Apresentando diante do imaginário, a descoberta de uma nova perspectiva de união, tange o real para abrir caminhos de entendimento sobre o Eu.

Através de um olhar investigativo, saio por um instante do lugar de pertencimento anterior, e me coloco na posição de observadora para coletar imagens de nós três, em busca de uma nova perspectiva. Nova vista essa que parte de histórias distintas mas que se entrelaçam.

Isto acontece tanto pela relação parental, cultural e de cuidado, quanto pelas fotografias vernaculares que foram resgatadas do pessoal de cada uma e deslocadas do seu lugar de repouso. São, então, postas lado a lado num espaço aberto a ter sua narrativa reescrita, como um convite ao ficcional. Portanto, cria-se a oportunidade de

interpretação do que já se foi, o que é, e o que poderá ser na história.

O aspecto factual e verídico que cada fotografia carrega, quando congela um momento específico no tempo e espaço, é surpreendido pela quebra de expectativa de uma narrativa linear. Confundindo personagens, tempos, lugares, autorias... quem é quem, de onde vem o quê, já não importa. A fotobiografia é levada para o campo da imaginação e criação de fábula.

Iniciei, dessa maneira, uma pesquisa no meu arquivo pessoal a compreensão de que um indivíduo tem em conjunto com outra pessoa. Esse *Outro*, para a obra *Nós*, foi escolhido como minha mãe e minha avó, por serem as pessoas que mais se confundem por entre manias, físico, afeto e cultura. Por meio de nossas fotografias pessoais, vernaculares, tiradas por fotógrafos muitas vezes sem nome, guardadas em álbuns em cima do guarda roupa, comecei, então, uma curadoria desses registros e a escolha de retirada ou seleção deles. Tudo se combinou como meus próprios registros autorais fotográficos a fim de, quando uma vez apresentado todas essas fotografias num só espaço, se confundirem entre o que é ou não de autoria minha.

Porém, a partir da apropriação de imagem e escaneamento de escritos também encontrados durante minha pesquisa, transformei-as em pontos de história que, junto aos meus próprios registros, estreitaram um tempo no qual não pertencia ao que hoje fazemos parte.

Pude aproximar a história passada e a recorrente ao construir uma ponte em formato de livro. Uma tentativa de diminuir os intervalos da minha própria história. E, como resultado, criar uma estória outra. Profundamente afetiva, distante da realidade, mas que por outro lado, relacionável com tantas outras histórias e estórias, estendendo os nós que permeiam as pessoas em geral.

A seleção de imagens guardadas teve como critério o retrato das três personas a partir do físico e dos lugares onde moraram. Assim como a captura da interação afetiva entre elas. Na construção da obra *Nós*, três fotolivros foram criados manualmente. Páginas envelhecidas deram suporte para as imagens e os escritos que as acompanham, viabilizando uma atmosfera de objeto antigo, montada de maneira artesanal e emotiva.

Ao criar um álbum de fotografias junto à anotações pessoais, é construído uma ligação com

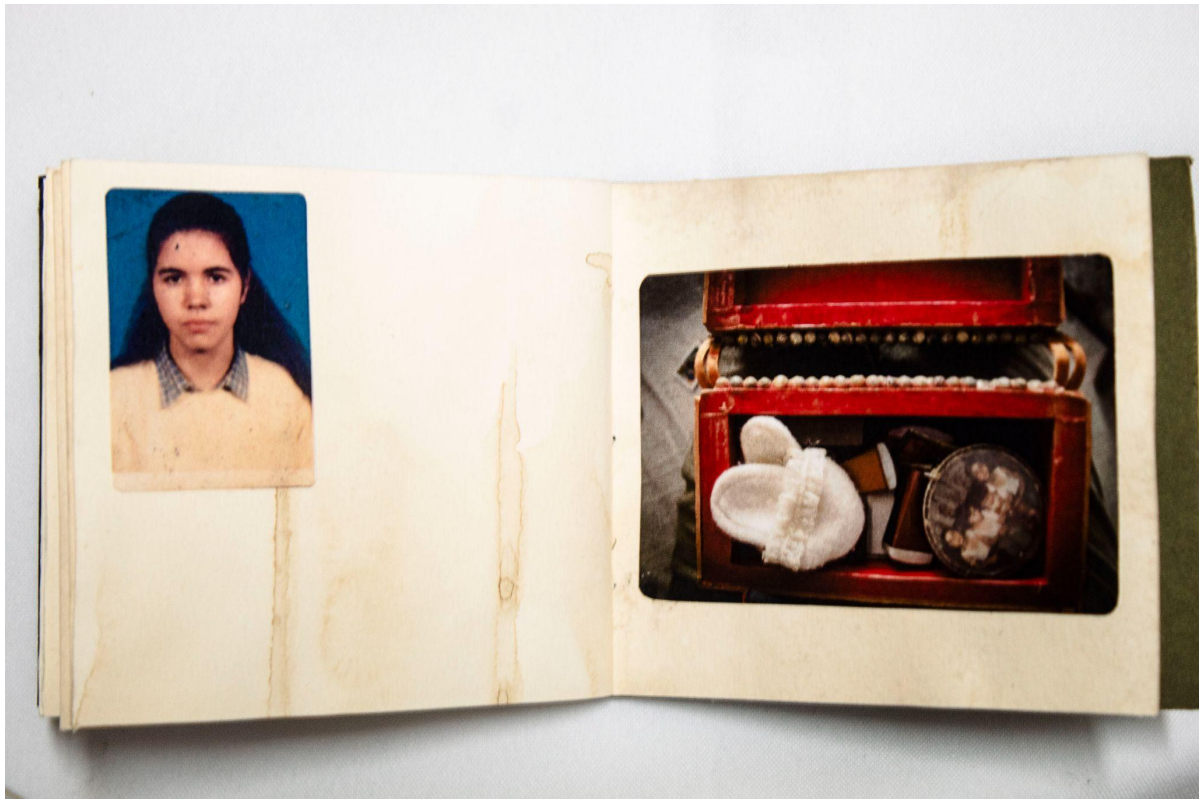
a cultura de guardar, juntar memórias de grande importância no âmbito familiar.



*Nós, 2022*

Para os meus registros autorais, busquei fotografar os ambientes onde viveram na infância e atualmente, apresentando a casa como o lugar primordial de criação de afeto e relacionamento. Espaço que traz a possibilidade de conexão e diminuição do intervalo entre pessoas. Além disso, investiguei os cantos mais pessoais desses espaços, por volta e outra, encontrando coleções de objetos e fotografias de apreço, que demonstram a sensibilidade e a vontade de relembrar, vincular, caminhar com uma bagagem emocional e palpável.





Páginas de *Nós*, 2022

As monotípias de plantas com ligações à minha, mãe e avó, também se juntam afetivamente à composição de identidade que se embaralha no tempo. O ato de grafar, tanto com luz e escuridão, quanto em caneta e tinta, fazem perceber as diversas tentativas de permanecer o que nunca poderá, no mundo presente e real, ser permanente.

Em que espaço, portanto, tudo se une? Geralmente guardadas numa caixa, gaveta, bolsinha, ou dentro de um livro qualquer, fotografias, palavras e objetos são a maneira de criar novas histórias, de fabular o que já foi,

e principalmente, de se lembrar e reconectar.

O acesso rápido faz parte da necessidade constante de voltar ao passado, de diminuir o tempo que já tanto se esticou e necessita, de vez ou outra, do movimento que a saudade gera para diminuir os intervalos.

Dessa maneira, as caixas que sustentam *Nós*, não guardam somente do que já foi e que se vê com vontade de ficar, mas também todas as possibilidades de criação do novo ao nos vermos reconhecidos em rostos e momentos outros. Tornam-se contenção de histórias, memórias, gozos e dores, com a oportunidade de ser tudo novo e de novo no imaginário que a fotografia e a escrita tem o poder de criar. Junta-se tempos passados, presentes e desejos futuros quando a conciliação visual de todos esses elementos ocorre.

Tudo é pensado e combinado manualmente em livros de artista que resgatam a prática da criação de álbum de família e o ato de reter e guardar memórias.

Desta forma, as imagens tanto no mundo imaginário, quanto em texto e fotografia podem ser recuperadas, estudadas, apreciadas para que a saudade diminua. Para que, constantemente, es-

tejamos criando pontes conectivas entre um momento e outro, num intervalo imagético ou físico que se perdura entre nós mesmos e tudo o mais que nos circunda.

O acervo familiar recuperado, as novas imagens e a capacidade de conectar com quem as vê, faz com que o dobrar e desdobrar do tempo aconteça através da saudade. Por conseguinte, ocorre uma quebra de expectativa de narrativa temporal linear, abraçando novas formas de contar uma história e retratar personagens dela. Não ficando claro quais são os lugares marcados, as pessoas apresentadas e o que ficou ausente. É acompanhante da pessoa que reorganiza a história o peso da escolha constante que implica no modo de olhar do leitor.

Eu, que tive todos os momentos fisicamente perto de mim, fui a que convivi menos com o mundo. Nele, ainda imprimi pouco e registro menos ainda. Diferente de minha mãe e avó que caminharam mais no mundo, colecionando tudo em si próprias.

Estando eu mais nova do que minhas antecessoras, ao fazer uma tentativa de biografia, me vejo com mais vazios. Me parece que quanto mais perto se está, mais desafiador é

juntar as partes. Tudo pela falta de tempo para criar minha história e a dificuldade de me ver como terceira pessoa, mesmo que eu seja autora primordial dela.

O Eu, portanto, é levado em tentativa de compreensão por meio do familiar e afetivo. E, ademais, se enlaça ao Outro para se tornar Nós.

mudo na esperança de ouvir  
mudo na vontade de ver  
mudo para que a vista  
aqui de dentro  
seja mais brilhante  
mudo  
pois a saudade é tanta  
que me faz muda



## 7. Conclusão

Entendo por consequência desta investigação a certos intervalos entre relacionamentos, que as pontes criadas para conectar podem, e vão, se apresentar de maneira singular a depender dos sujeitos envolvidos.

Tais pontos se constroem como um fio, relativo à situação apresentada e tem potência de criação, tendo a memória e a saudade como fator essencial para o impulsionamento dessas formações de laços. A fotografia e a escrita poética servem como suporte para que se enrede tudo que ainda não se fez conhecido, e dá ao espectador o potencial de ação pelo percurso do olhar.

As formas de diminuir intervalos sempre serão motivo de investigação, o que torna a pesquisa contínua e independente. Sempre haverá espaços e a saudade para buscar estabelecer pontes.



## Referências Bibliográficas

MORAIS, F. "**Felicidades**". 1999. [s.d.]

FERRAZ, E. "**Inconfissões: Fotobiografia de Ana Carolina Cesar**". São Paulo - SP. Instituto Moreira Salles, 2016. ISBN 9788583460350

QUINTAS, G. "**Inquietações fotográficas: narrativas poéticas**". 1. ed. Fortaleza - CE: Tempo d'Imagem, 2014.

BARTHES, R. "**A câmera clara: nota sobre a fotografia**". Tradução: Júlio Castañon Guimarães. 9. ed. Rio de Janeiro - RJ: Nova Fronteira, 1984. ISBN 85-209-0480-7





